

Freire diz que reformismo do PCI não se adapta ao Brasil

102 **Araújo Netto**
Correspondente

ROMA — O candidato do PCB à Presidência da República do Brasil, deputado Roberto Freire, disse que ficou entusiasmado com a corajosa e rica discussão que se está fazendo no XVIII Congresso Nacional do PCI, que se realiza neste momento num dos bairros mais burgueses de Roma, mas considera inaplicável a seu partido e à realidade brasileira a opção por um forte reformismo que o maior partido comunista ocidental está fazendo.

Freire é um dos mais solicitados e programados dos 150 ilustres representantes de outros partidos da esquerda internacional convidados pelo PCI. Hoje mesmo ele será recebido e conversará por Achille Occhetto, logo depois que o secretário e líder dos comunistas italianos pronunciar seu discurso de réplica, que encerrará os quatro dias de debates do congresso. Apesar de reconhecer que “estamos assistindo a uma profunda renovação do socialismo no mundo comunista e no pensamento marxista”, e que “o PCI confirma sua tradição de partido de vanguarda, reolocando a Itália como um importante centro formulador de contribuições teóricas para a nova realidade do socialismo”, Roberto Freire pediu que ninguém esqueça da distinção existente entre a nossa realidade e a italiana ou europeia.

Erro — “Tudo o que se debate e elabora neste congresso do PCI e entre os partidos de esquerda da Itália”, assinalou, “pode ter influência para que se analise melhor a nossa realidade, mas não podemos cometer o mesmo erro de antigamente, desta vez com o sinal trocado: aquele erro que historicamente se cometeu, de aplicar ma-



Roberto Freire

nuais que vinham da Internacional, com a estreita visão própria do stalinismo.”

“Hoje”, ressaltou Freire, “não podemos pensar em aplicar ao nosso caso o eurocomunismo, a euroesquerda, a *perestroika* ou qualquer coisa de novo e renovado que saia da lavra do PCI. O que é importante é que essas contribuições teóricas nos colocam naquilo que me parece o básico: o reconhecimento de que não existe mais um centro que defina encaminhamentos, vias, manuais, verdades estabelecidas, que acabava por criar uma verdadeira liturgia de transformação a partir de dogmas criados em lugares e sociedades distantes dos nossos.”

Policentrismo — A jornalista que insistiram em saber qual a grande lição que está levando para o Brasil desta sua primeira viagem à Roma e desta sua primeira experiência de ob-

servador de um congresso do PCI, Roberto Freire não hesitou em responder: “A definitiva afirmação do policentrismo, uma perspectiva que é proposta e reforçada também pelo que se está fazendo e vivendo na União Soviética. Um policentrismo que permite discutir tudo, sem qualquer receio dos mitos. Os comunistas italianos que sempre foram muito contra os mitos e fetiches, voltam a dar uma grande contribuição a esse processo. Seu atual congresso é a maior demonstração disso. O *aggiornamento* do partido, toda essa discussão sobre o novo e o moderno, para o partido e para a Europa, é de fundamental importância. E não só para eles: para todo o movimento comunista, para todos os que lutam pelo socialismo.”

— Mas apesar de tudo inaplicável ao Brasil?

— Sim, porque o PCI está propenso a sair de sua crise de identidade (uma crise que perpassa todo o movimento socialista e todo o comunismo), optando por um reformismo forte, aproximando-se da social-democracia. Propondo-se a reformar e melhorar o capitalismo. Para o Brasil, qualquer tentativa desse gênero parece-me inútil. Não adianta você querer reformar o capitalismo. Também não há o que melhorar. Há o que transformar. O capitalismo brasileiro não respondeu às necessidades fundamentais. Ao contrário, o que se viu e aprendeu é que o capitalismo no Brasil criou uma base estrutural muito forte, mas uma sociedade profundamente perversa. Isso não se resolve com reformas, nem com simples melhoramentos. Mas com verdadeiras e profundas transformações, que só podem ser tentadas através do socialismo.